

UNIVERSIDADE DE BUENOS AIRES – UBA

INÁCIA MARIA CALDAS TRINDADE PUGA FERREIRA

A DANÇA DA TUCANDEIRA, O LIMITE DA DOR NO CORPO E A
AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DOS ÍNDIOS SATERÉ-MAWÉ DO
AMAZONAS

INÁCIA MARIA CALDAS TRINDADE PUGA FERREIRA

Trabalho para obtenção
de nota na disciplina
Derechos de la persona,
ministrada pelo Doutor
Ricardo Rabinovich-
Berkman, no 2º
Módulo de Direito
Civil do curso de
Doutorado da Faculdade
de Direito
da Universidade
de Buenos Aires – UBA.

A dança da tucandeira, o limite da dor no corpo e a afirmação da identidade dos índios Sateré-Mawé do Amazonas

Introdução

Empreender uma análise sobre o ritual da Tucandeira ou a dança da Tucandeira, a formiga mítica da etnia Sateré-Mawé, supõe incursionar por uma abordagem acerca da identidade histórica-sociocultural deste povo que assume lastro nos dias atuais em termos de demografia populacional.

Compreender a cultura indígena do Amazonas-Brasil, em especial a cultura da etnia sateré-mawé, é também uma forma de ver nosso próprio reflexo como pessoa.

Todos somos pessoas, dotados de capacidade para refletir, para chorar, para questionar o nosso mundo. O que importa é como iremos interferir para que os direitos das pessoas sejam efetivamente respeitados.

É desta forma que irei abordar o ritual de passagem denominado dança da tucandeira como afirmação da identidade dos índios sateré-mawé da comunidade Santa Maria do Urupadi, em Maués-Amazonas/Brasil e a relação com as formigas (tucandeiras), que tornam o homem sateré-mawé uma pessoa valente e corajosa.

Com efeito, também é meu interesse questionar esse ritual que passa pelo sofrimento do adolescente para a vida adulta. Porém, essa é uma forma de convivência entre eles, que faz parte da cultura, da tradição desses povos originários.

Este artigo assume o propósito de apresentar a dança da Tucandeira, ritual de passagem do menino índio para a vida adulta, como uma expressão

identitária dos sateré-mawé, em suas dimensões socioculturais e de filosofia ético-moral de vida, no que diz respeito ao seu modo de ser e estar no mundo.

O interesse por este tema está associado ao meu objeto de estudo no doutorado, instigada desde a minha infância a conhecer melhor esta nação indígena.

Nasci em Maués, cidade agraciada com o nome da etnia, seu segundo nome Mawé, que homenageia uma ave popular da região que é o papagaio falante.

Convivi cotidianamente com elementos de representação desses indígenas, tais como: o guaraná em pó, artesanato e apetrechos de vestuário, some-se a isto, o fato de assistir encenação teatral da dança da Tucandeira por ocasião dos festejos da Festa do Guaraná, que é o evento cultural de maior expressão da cidade de Maués, em homenagem à identidade sateré-mawé.

No âmbito acadêmico, o tema da etnia sateré-mawé toma assento em minha dissertação de mestrado, defendida em 2003, na Universidade Federal do Amazonas, no Brasil, momento em que abordamos os processos de comunicação social numa comunidade indígena.

É este, pois, o meu vínculo e pertencimento com este tema que também agora, busco analisar no processo de doutorado.

Este trabalho assume a forma ensaística, numa escrita de mão livre, tomando a imaginação como parâmetro a partir de meus conhecimentos e memória.

Relembrei momentos em que estive na comunidade Santa Maria do Urupadi, porém, hoje, focando no ritual da tucandeira, visto ser algo que sempre me intrigou, qual seja a coragem do jovem em público para suportar as dores em sua mão pelas ferroadas da formiga, a fim de demonstrar que está pronto para se tornar um adulto forte, um chefe de família.

Esse ritual já foi objeto de alguns estudos de pesquisadores. No entanto, questionar a dor, o limite da dor, a necessidade de se passar pela dor, se ainda é preciso nos dias atuais para a afirmação da identidade da etnia, é uma

questão nossa. É um questionamento para ser levantado sobre a disposição do corpo humano.

É assim que este estudo assume relevância social na medida em que põe em debate um aspecto singularizante da identidade dos indígenas sateré-mawé, bravos guerreiros expoentes da cultura do guaraná.

2- Os Sateré-Mawé

A organização dos povos sateré-mawé sempre trouxe a público o tema das minorias étnicas, como pauta de luta do reconhecimento da identidade indígena.

Os sateré-mawé são descendentes das tribos andirazes e maraguazes, juntamente com as tribos Mundurucus, Parintintin e Mura, do tronco Tupi-Guarani. Estão localizados na área do Tapajós-Madeira, no Pará, e nas Terras Indígenas Andirá-Marau, no Estado do Amazonas.

A língua indígena dos sateré-mawé, a sua organização social, as construções das casas, as pajelanças, as tradições, as narrações, a cosmogonia e outros aspectos, tudo assume característica do povo Tupi.

Os sateré-mawé conservam muito da sua tradição de oralidade centrada nos ritos, festas e danças, passados de geração a geração. Todos prenes de significados e valorização que dão sentido à vida e normatizam as ações dos indivíduos em sociedade.

A comunicação entre os sateré-mawé compõe um quadro vivo de signos, símbolos, oralidade, mitos, fala, expressão corporal e linguística, articulando formas e estilos de vida nas mais diferentes culturas e civilizações.

A expressão corporal das populações indígenas presente nas danças e nos rituais traz a marca de um costume de comunicação oral passada de geração a geração.

Com efeito, a Amazônia é, ainda, um grande continente do mito, onde o homem, a natureza e a sociedade se transfundem numa dança rítmica no movimento dialetizante da história. Deve se entender a região como uma unidade entre o pensamento e a vida numa constante interação, em que o núcleo central homem/natureza forma uma amálgama indivisível.

A natureza é a nossa cultura transvestida em múltiplos significados que vão desde a mitologia, passando pelo emblema da floresta, até as relações simples e complexas que envolvem a condição humana neste continente.

O desenrolar da vida dos sateré-mawé repousa no guaraná que está nos domínios da natureza e que, para esses indígenas, é seu universo sagrado, de onde o povo tira as forças para viver, seu maior referencial.

O guaraná é uma planta, um vegetal, mas transveste-se de uma força transcendental que dá energia para a vida se renovar e se enriquecer. Veja, que a forma corpórea do vegetal transcende a si mesma, alcançando as relações sociais no mundo da vida, iluminando o caos dançante do mundo Mawé.

O guaraná é o fruto que simboliza a cultura dos sateré-mawé e também dos que moram na cidade de Maués.

Contam os índios sateré-mawé que o guaraná nasceu dos olhos de um menino da etnia. Ele era filho da índia Anhyã-muasawyp, que morava com seus dois irmãos Okumatô e Ycuamã. Ela tomava conta de uma floresta encantada que se chamava Nusokén. Os irmãos não queriam que ela se casasse para não perder seus poderes. Porém, um dia, a índia foi atraída por uma cobra, que ao tocar na perna dela, engravidou-a. Ela foi, então, expulsa de casa. Certa vez, o menino foi comer castanhas da castanheira que a índia tinha plantado na floresta encantada. Contudo, ele foi morto. A mãe ao encontrá-lo, arrancou-lhe os olhos e plantou. Do olho direito, nasceu uma planta arbusta para curar as moléstias da etnia.

Percebe-se, então, nessa lenda, a ligação dos sateré-mawé com a natureza, em especial com os animais.

Na tradição da oralidade, os animais falam como seres humanos. Eles se assemelham às pessoas, mas no formato de animais e convivem entre a etnia. A comunicação oral é um aspecto marcante nas culturas indígenas.

Podemos dizer que a cultura da oralidade prioriza os gestos e os sinais. Por exemplo, quando uma criança nasce, o pajé a toma pelos braços para lhe aplicar vários sopros. O primeiro deles assume o significado de sopro da vida, o segundo está relacionado à proteção da saúde do rebento.

No que tange ao guaraná, a força dele é grande não só entre a etnia, mas também na cidade de Maués, que tem no guaraná a base da economia local. Inclusive, todos os anos, no final de novembro, é comemorada a Festa do Guaraná, com danças típicas relembrando a tradição dos sateré-mawé.

Também existe a segunda versão do mito do guaraná, que foi criada pelos moradores da cidade de Maués para comercializar o guaraná e difundi-lo nacional e internacionalmente.

Trata-se de uma estória poética associada à literatura shakespeariana, que confere um traço europeizante ao mito. A menina-moça de rara beleza e devidamente resguardada pelos seus irmãos apaixona-se por um jovem de uma tribo inimiga e vê-se obrigada a fugir com o rapaz devido à impossibilidade de concretização do seu romance dentro de sua etnia. Ao fugir é surpreendida pelos índios da tribo que saem em seu encalço e, ao implorar clemência aos seus perseguidores, a moça e o rapaz são atingidos por um raio que os mata. Dos olhos da moça nasceu a planta do guaraná.

3- Comunidade indígena Santa Maria do Urupadi

A cidade, enquanto construção humana, deve ser entendida como o espaço onde o humano se produz e se reproduz. É o lugar onde o ser social produz os meios de sua existência em consequentemente, produz, também, a sua própria vida material.

Para além da reprodução física a cidade produz e reproduz as suas representações simbólicas, suas ideologias e visões de mundo.

Geograficamente delimitada e quantitativamente mais restrita que a cidade, a comunidade se constitui num espaço onde as relações são mais estreitas e aproximadas.

A comunidade indígena sateré-mawé denominada Santa Maria do Urupadi está localizada no município de Maués, na região do médio Amazonas situada na divisa dos Estados do Amazonas com o Pará, em plena selva amazônica, a 70 km em linha reta da cidade.

O nome sateré-mawé deve-se ao fato de que mawé é o clã mais alto dos tuxauas da tribo sateré. Vale ressaltar que a palavra mawé significa papagaio inteligente e curioso e sateré significa lagarta de fogo. Eles falam a língua sateré-mawé e são filiados ao tronco linguístico tupi- guarani.

Na comunidade Santa Maria do Urupadi, os homens é que mais falam o português com quem chega de fora. As mulheres falam a língua mãe, que é o sateré-mawé. Porém, conversam em português quando buscamos diálogo. Isso se deve ao fato dos sateré-mawé serem conhecidos pela resistência ao projeto dos português. É uma forma de manter a cultura por meio da língua, que forma a denominada nação sateré-mawé.

Existem casos de índios que saíram muito cedo da comunidade para outras localidades, como o garimpo, por exemplo, e esqueceram a denominada língua mãe. Hoje, estão estudando, novamente, para reaprenderem o sateré-mawé, pois a língua é que faz manter a identidade dos mesmos, juntamente com as tradições da etnia.

É bom dizer que as mulheres têm um papel importantíssimo dentro da comunidade. Se por um lado o homem é o provedor para caçar e pescar, a mulher é que faz o chamado roçado para o plantio. Elas fazem os artesanatos indígenas como colares, pulseiras, cestos, paneiros, entre outros.

Com efeito, para chegar da cidade de Maués até a comunidade, utiliza-se motor de popa, voadeira ou um lancha maior, cuja viagem tem uma duração média de 6 a 8 horas, respectivamente. Também existe um motor de linha, com horários regulares que faz o transporte de passageiros da comunidade para Maués e vice-versa.

A comunidade faz parte da reserva indígena sateré-mawé, a qual comporta 30 comunidades ao longo dos rios Marau e seus afluentes Miriti e Majuru. Na comunidade Santa Maria os sateré-mawé acordam às 5h. Os homens se arrumam para ir caçar, pescar ou plantar mandioca. As mulheres preparam o guaraná em pó misturado com água para beberem. É o chamado sakpó. Esse fruto faz parte da cultura da etnia, sendo considerado afrodisíaco e

eficaz para a memória. Também fazem café ou refresco de limão e tomam com tapioca. E cozinham macaxeira, um tubérculo que faz parte da alimentação básica das populações indígenas.

Na comunidade, as crianças também têm suas rotinas. Existe uma escola local no horário da manhã e da tarde, que ensina tanto o português quanto a denominada língua mãe. São três professores que realizam as atividades. Um ensina o artesanato sateré-mawé e os outros dois ministram aulas do ensino regular. Quando as crianças saem da escola, vão brincar no mato, apanhar frutos do local e brincar de roda. As meninas improvisam bonecas de madeira ou de alguma vasilha.

Os professores indígenas sateré-mawé também possuem uma associação que se chama Associação dos Professores do Marau e Urupadi, a fim de se reunirem em data combinada para organizarem os documentos com o que anseiam para melhorias das comunidades.

Na cultura sateré-mawé a casa é em forma de oca. O local onde os índios sateré-mawé torram farinha é a cozinha. Nas casas, é comum ter um fogão de barro, redes atadas e potes com água.

É tradição, também, ter o rádio para ouvir as notícias e músicas. Possuem internet, mas o sinal não é bom.

Por conta da pandemia, muitos indígenas ficaram doentes, sendo removidos para a cidade de Maués, por meio das ações do Distrito Indígena Sanitário (DISEI Parintins). Com efeito, muitos fizeram, também, seus tratamentos para a Covid-19 por meio de chás das ervas medicinais.

4- A dança da tucandeira, o limite da dor no corpo e a afirmação da identidade dos índios sateré-mawé

A cultura dos índios sateré-mawé é permeada de símbolos, de rituais, de lendas com animais que falam. Também existem os objetos sagrados, como uma espécie de remo de canoa denominado de Porantim, onde as leis dos antepassados eram desenhadas, servindo como um verdadeiro código moral a nortear a etnia.

Os sateré-mawé se referem ao Porantim como sendo a sua Bíblia ou a Constituição. Nessa peça está contida a origem do guaraná, à guerra, a como vencer as brigas entre a etnia, enfim, é ao mesmo tempo mágico, aglutinando, também, a esfera jurídica, servindo de suporte para o modo de viver deles.

Atualmente, eles não sabem onde está o Porantim. Dizem que se perdeu. E fica apenas na memória, na tradição dos sateré-mawé, que é repassada de geração em geração.

Entre essa etnia existe o ritual da tucandeira, ou Waiperiá, que é uma das festas mais importantes para eles, pois simboliza o rito de passagem de menino para homem, para a vida adulta. Em nossa sociedade temos vários ritos como o batizado, casamento e a morte. Entre os judeus, por exemplo, existe a circuncisão dos meninos.

As festas e as danças são expressões corporais e orais nas tradições indígenas. Elas são centrais nas culturas nativas porque são uma exortação à fartura, às divindades e uma oportunidade de exercitar ludicamente o corpo.

A dança é a mais importante confraternização dos povos indígenas, haja vista que está presente em todos os rituais que envolvem os sentidos da vida e da morte.

Os ritos de nascimento, de passagem e da morte conservam muito da originalidade cultural dos sateré-mawé. A simbologia presente na pintura do corpo dá o tom as solenidades rituais. A natureza é evocada em todas as atividades para reviver todos os símbolos.

A dança da tucandeira, que representa o início da puberdade, consiste em sete provas que o adolescente de 13 anos tem que passar para mostrar que é viril e corajoso, um grande guerreiro. Antes do jovem se submeter ao ritual de passagem, o pai leva o filho à mata para verificar se ele já é um bom caçador. Do mesmo modo. Leva-o à pescaria para ter certeza de que ele já é um bom pescador. Constatadas essas virtudes, o menino estaria apto para o casamento.

Durante o ritual, as moças saem de suas malocas com seus pais, sob a ordem do chefe da comunidade, carregando bebidas, caças e formigas tucandeiras que são colocadas dentro de uma vasilha com água. O menino precisa meter a mão em uma luva cheia de formigas bravas.

A dança da tucandeira, portanto, é a junção do mito e do rito entre os sateré-mawé, pois ao praticarem o rito da passagem, por trás desta cortina, está nitidamente o mito da virilidade.

Na verdade, todo o ritual está carregado de significados, pois as formigas as luvas, o círculo ao redor do jovem, enfim, tudo está permeado de significação própria do sentido do ato.

Para essa etnia, esse espetáculo, com todos os acessórios, é como se o bem vencesse o mal. Isso quando o jovem suporta as dores.

Na realidade, a dança da tucandeira é toda a junção dos adornos em volta do adolescente, pois há todo um cuidado na organização dessa festa.

Esse ritual também pode ser visto como sendo um esporte para os sateré-mawé, uma vez que o jovem passa por provas para ganhar o conceito de valente e guerreiro e, inclusive, ser escolhido por uma moça para casar.

Desta forma, a dança da tucandeira – o ritual de passagem entre os índios sateré-mawé, identifica a tradição, com seus significados entre a etnia.

Não existe uma data certa para se fazer a dança e que, antigamente, era quase obrigatório o jovem provar a virilidade por meio de tal ato. Atualmente, já não é tão rígido.

Vale ressaltar que o ritual é composto de dois aspectos: primeiro, se alguma moça tiver pena do jovem, esta tira-lhe a luva como símbolo de que se deseja ser esposa do mesmo. Segundo, caso nenhuma jovem se compadeça do rapaz, o tuxaua, solta o mesmo, que muito já sofreu, para que vá gemer de dores na rede.

Mas esse ritual, para mostrar a bravura do jovem índio sateré-mawé, causa muita dor. As mãos ficam muito inchadas. O menino passa por um processo de intenso sofrimento.

Assim, questionamos: quais as consequências psicológicas para o jovem que aguentou a dor? E quais as consequências psicológicas para aquele que não suportou a dor? Será ele sente que deixou de ser homem, de ser viril, por que não passou na prova? Como ele será visto entre os seus pares? Como aquele que foi covarde, que não vai servir para casar, para ser corajoso e um bravo guerreiro? Ou não tem nenhum impacto?

Com um olhar de fora, percebemos a importância do sofrimento para se alcançar o êxito dentro da etnia. Cada comunidade tem sua realidade, sua história, sua tradição.

Na tradição dos sateré-mawé, suportar o sofrimento faz lembrar todas as dores sofridas pelos seus ancestrais, faz lembrar a brava índia Anhyãmawasawyp, que protege o seu povo, que do olho do filho morto nasceu o guaraná – o elixir da longa vida da etnia.

Então, para os adolescentes sateré-mawé, aguentar as ferroadas, ficar com as mãos inchadas é o que perpetua a geração.

O sofrimento, durante o ritual, é para aguentar calado, para ser suportado. Porém, o limite desta dor no corpo, que pode se tornar uma dor na alma, é algo a que questionar.

Como podemos perceber, durante o ritual, o menino não pode chorar para não demonstrar que é fraco diante dos seus pares. No entanto, ao terminar a dança, esse mesmo jovem vai chorar na rede de tão inchada e torta que ficou a mão.

Essa tradição dos sateré-mawé também é mostrada, no Amazonas, no Folclore do Boi de Parintins, uma cidade próxima a Maués, sempre retratando o ritual de passagem do adolescente para a vida adulta.

Para os sateré-mawé, a dança da tucandeira também é uma forma de confraternização. É a maneira de afirmar e reafirmar a identidade indígena por meio do ritual, que é próprio dessa cultura por meio das pinturas e de todos os adornos que usam.

Para os sateré-mawé, suportar o sofrimento é que faz manter viva a identidade desse povo. Sofrer para sair forte da dor. O adolescente não pode demonstrar essa dor em público para fazer valer a tradição do seu povo.

É o sofrimento que faz mostrar o quão forte é o varão sateré. Geralmente, o ritual é realizado em conjunto com alguns adolescentes sob o olhar dos comunitários.

No entanto, se o jovem passar mal, não tem um médico na localidade para socorrer. É preciso pegar uma voadeira para, depois, de 6 a 8 horas chegar até ao hospital público da cidade de Maués.

Assim, é preciso pensar, também, nas consequências que podem correr física e emocionalmente no adolescente que realmente passar mal.

5- O corpo como expressão da cultura sateré-mawé

Para os sateré-mawé, os adornos, desenhos no corpo, em especial durante o ritual da tucandeira, são expressões da cultura dessa etnia. É pela pintura nos corpos que eles mostram a essência de suas vidas.

A selva amazônica, por si mesma, já possui um conteúdo sagrado reverenciado por todos. Quando o corpo simboliza esse sagrado, através da dança, há uma verdadeira comunhão da superioridade sagrada com o corpo.

Na realidade, a ação presente na dança visualiza vários aspectos como por exemplo o corte de cabelo, a alimentação, a língua, os jogos, as roupas, o uso constante de culturas ornamentais, entre outros.

Com efeito, os sateré-mawé se comunicam por meio de suas expressões artísticas e mitológicas, como é o caso da dança da tucandeira.

A dança é a expressão viva e cabal que medeia a ação de comunicação entre o universo e o mundo exterior. Dessa forma, ao dispor da dor no corpo com as ferroadas das formigas tucandeira, durante o ritual de passagem, o adolescente está afirmando que está dispondo do próprio corpo por livre e espontânea vontade.

Talvez pela dança da tucandeira ser cultural, mostrando a preservação da tradição, o mesmo prefere suportar as dores, mesmo que isso lhe cause um mal físico, mas simbolicamente não causa, pois a crença é que o ritual de passagem o torna apto para a vida adulta.

Embora a resistência da condição humana frente ao alto grau de dor, suportado pelo iniciado, não se pode deixar de perceber que há aqui uma agressão ao corpo.

O corpo, de alguma forma, sofre um vilipêndio, é estropiado em sua dimensão física e psicossocial. Evidentemente, que não se trata aqui da promoção do vilipêndio, da dor pela dor, não é o sofrimento deliberado.

Com efeito, é uma dor que é produzida no âmbito cultural dentro de um contexto de ritual de passagem e de continuidade da etnia. Mesmo assim, a

gente percebe que a produção da dor no corpo ultrapassa a fronteira do direito ao corpo.

O direito ao corpo inscreve-se nos cânones de liberdade do indivíduo no seu aspecto de ir e vir, que lhe dá as prerrogativas de dizer que o corpo lhe pertence.

Ninguém pode dispor do corpo do outro, ferindo a sua integridade. Deve-se reconhecer que o veneno é um risco na medida em que pode produzir um efeito colateral de grande mal-estar, embora não se tenha notícia de morte em decorrência do veneno da tucandeira, usado no ritual.

Não obstante, já começamos a perceber algumas mudanças no ritual de passagem da etnia sateré-mawé. Algumas comunidades já não realizam, mas não é em razão da produção da dor e sim porque os credos evangélicos e protestantes não permitem. Outras comunidades diminuíram as formigas dentro da luva e o tempo de duração da dança, para cada iniciado.

Há, de alguma forma, uma certa compreensão voltada para minorar o sofrimento dos meninos mawé. Mas, ainda é um ritual que acontece nas comunidades sateré-mawé quer seja com maior ou menor produção de dor. Suportar a dor é o que delineia o caráter do sateré-mawé, que é aquele que não se acovarda diante dos sofrimentos e desventurança da vida.

Não se submeter ao ritual da tucandeira supõe ter na comunidade um jovem que nunca amadureceu e chegou a ser um homem para valer.

Desta forma, o jovem se vê na condição de participar do ritual para mostrar que não é covarde, que quer perpetuar a tradição da etnia, mesmo que depois vá chorar sozinho. Mas, em público o sofrimento, a dor no corpo e até na alma, não podem ser demonstrado.

6- A disposição do corpo no Código Civil Brasileiro

No Brasil, segundo o artigo 13 do Código Civil Brasileiro de 2002: “Salvo por experiência médica, é defeso o ato de disposição do próprio corpo, quando

importar diminuição permanente da integridade física ou contrariar os bons costumes”.

Com efeito, não temos conhecimento de que o ritual da tucandeira tenha causado alguma diminuição permanente na integridade física, porém momentaneamente sim, pois a mão fica inchada e alguns desmaiam de tanta dor.

No que tange aos bons costumes, se o ritual for visto com um olhar de fora, pode contrariar. No entanto, pela ótica da cultura sateré-mawé essa é uma prática comum e importante no que concerne ao ritual de passagem do jovem para a vida adulta.

Assim, é de se ponderar o direito à disposição do corpo como forma de preservar a cultura, mas também de ter um olhar para esse jovem que sofre para provar a valentia, pois ele deve se mostrar capaz de enfrentar os sofrimentos de cabeça erguida.

5 - Conclusão

O ritual da tucandeira entre os índios sateré-mawé do interior do Amazonas é permeado de símbolos e de sofrimento quando têm que suportar as ferroadas das formigas para demonstrar que o jovem está apto para ser um bom caçador, um bom guerreiro e pronto para casar.

É um ritual de passagem da adolescência para a vida adulta, onde o rapaz precisa passar pela dor para passar na prova e ser considerado um bravo homem.

Com efeito, caso o adolescente não mostre essa coragem, será visto pelos seus pares como aquele homem que sempre terá azar na vida. Talvez essa seja a força maior no interior do jovem índio, pois o mesmo quer ter sorte, quer ser reconhecido perante seus membros.

Portanto, entendemos que devemos respeitar essa tradição, respeitar o ritual, respeitar a cultura. No entanto, nada obsta, também, em questionar o que passa com esse jovem que é submetido ao ritual. Qual o limite da dor no

corpo para afirmar a sua identidade? Para a tradição, não suportar a dor é que é o mais difícil, na medida em que pensa o que poderá recair sobre si.

Assim sendo, ao nos reportarmos para a cultura dessa etnia, é importante frisar que entendemos o modo de viver deles. Porém, ficamos a pensar nessa dor no corpo, da mão do jovem. Esse é um desafio e uma questão que colocamos para reflexão.

Assim vem à baila uma poesia de minha autoria sobre a dor, que achamos oportuna para finalizar:

A dor

O que é uma dor?

É sentir uma dor de dente,

dor de cabeça?

É estar exausta

Cansada

Estressada?

Para mim a dor é transcendental

Ela vai além do que a dor no corpo

Ela transpassa a alma

Percorre o além

O tudo

O nada.

Uma dor é doída demais

Ela não se acaba

Apenas é camuflada

Lutamos para a suportarmos

Procuramos a saída para a solucionarmos

Procuramos outros mundos

Outros rumos

Mas, a dor está lá, tímida, calada.
À espreita para pode se deslocar!